

O homem demiurgo

The man demiurge

Eliana BARBOSA
ITUCSAL/UFBA

Resumo

Este artigo analisa as noções de trabalho e imaginação criadora no pensamento de Bachelard, demonstrando que tais dimensões da existência humana nos levam a ultrapassar o plano dos fenômenos.

Palavras-chave: Bachelard, Imaginação, Trabalho.

Abstract

This paper analyses the notions of work and creative imagination in the thought of G. Bachelard, showing that dimensions of human existence as a way to go beyond the plan of the phenomenos.

Keywords: Bachelard, Imagination, Work.

Se fosse possível sintetizar o pensamento de G. Bachelard diríamos que a sua preocupação é a de mostrar o homem como um ser criador. Para se compreender o papel ativo do conhecimento do mundo, é preciso compreender a noção de *provocação*. O conhecimento não se dá na passividade, o conhecimento é ação. Em relação ao conhecimento do mundo, "o mundo é minha provocação"; para o conhecimento científico, em que o conhecimento se dá por aproximação, "o mundo é minha verificação". O saber se constitui por uma série de retificações. O mundo é sempre resultado do trabalho do homem, pois este se caracteriza por seus poderes transformantes. É o trabalho que permite ao homem colocar em prática o seu poder de demiurgo, tanto no que se refere

à atividade artística como à atividade científica. O trabalho possui uma conotação muito importante na filosofia bachelardiana - é pelo trabalho que o homem vence a sua solidão. "Na solidão ativa, o homem quer cavar a terra, furar a pedra, talhar a madeira. Ele quer trabalhar a matéria, transformar a matéria. Agora o homem não é mais um simples filósofo *diante do universo*, ele é uma força infatigável *contra* o universo, *contra* a substância das coisas"¹ Dans la solitude active, l'homme veut creuser la terre, percer la pierre, tailler le bois. Il veut travailler la matière, transformer la matière. Alors l'homme n'est plus un simple philosophe devant l'univers, il est une force infatigable contre l'univers, contre la substance des choses

⁽¹⁾ Tv. p. 29.

(Tv p. 29) A ação é sempre contra o estabelecido, o que já está. A ação é sempre contra o estabelecido, o que já está aí. É preciso instaurar o novo.

É pelo trabalho que o homem satisfaz seu poder criador. O trabalho tem também um caráter propedêutico. "O trabalho sobre os objetos, contra a matéria, é uma espécie de psicanálise natural. Ele oferece chances de cura rápida, porque a matéria não nos permite enganarmo-nos sobre nossas próprias forças"². *Le travail sur des objets, contre la matière, est une sorte de psychanalyse naturelle. Il offre des chances de guérison rapide parce que la matière ne nous permet pas de nous tromper sur nos propres forces.*

A natureza se oferece ao homem como um convite para que este exercite as suas forças; é pelo trabalho que o homem conhece a natureza. Não interessa a Bachelard estudar a "vontade de poder", inspirada na dominação social. A sua preocupação é com a "vontade de trabalhar", uma vontade que surge de uma necessidade interior e não de uma divisão do trabalho social. O trabalho coloca o homem no centro do universo e não no centro de uma sociedade³. "O trabalho é - no fundo mesmo das substâncias - uma Gênese. Ele recria imaginativamente, pelas imagens materiais que o animam, a matéria mesma que se opõe a seus efeitos"⁴. *Le travail est - au fond même des substances - une Gênese. Il recrée imaginativement, par les images matérielles qui l'animent, la matière même qui s'oppose à ses efforts.* O trabalho, em Bachelard, é sempre edificante. Mesmo na destruição há um sentido criador: "Pelo martelo obreiro, a violência que destrói é transformada em poder criador"⁵. *Par le marteau*

ouvrier, la violence qui détruit est transformée en puissance créatrice.

A imaginação está estritamente ligada à "vontade" como uma atividade desejada, dirigida, uma vontade necessária ao *trabalho* onírico, porque a imaginação não é uma atividade ociosa, uma *vagabundagem do espírito*, é uma atividade dirigida, uma atividade criadora e desveladora de seres. O devaneio, estado em que se imaginam e se criam imagens novas, está ligado à vontade de sonhar. O mundo é resistente, e, para vencer esta resistência, é preciso *vontade de trabalhar*. Bachelard usa a imagem do rochedo para fazer uma analogia com as coisas do mundo: "Por que o rochedo tem mais solidamente sua forma humana, sua forma animal, que a nuvem que passa?"⁶ ?⁷, *Pourquoi, en effet, le rocher tiendrait plus solidement sa forme humaine, sa forme animale que le nuage qui passe?*, pergunta ele ao referir-se à resistência das coisas. É a vontade ligada à imaginação que vai possibilitar ao homem vencer a resistência do mundo.

Ao se referir aos trabalhos de Robert Desoille⁸, Bachelard o destaca, porque ele trata de uma metodologia do *devaneio dirigido*. "Imaginação e Vontade são dois aspectos de uma mesma força profunda. (...) A imaginação que esclarece o querer se une numa vontade de imaginar, de viver o que se imagina"⁹. *Imagination et volonté sont deux aspects d'une même force profonde. (...) A l'imagination qui éclaire le vouloir s'unit une volonté d'imaginer, de vivre ce qu'on imagine.* Refere-se também a Schopenhauer, que, mostrando a relação da contemplação estética com a vontade, estabelece uma separação, e comenta: "Esta separação da contemplação e da vontade apaga um caráter que queremos sublinhar: a vontade de con-

⁽²⁾ Ibid. p. 30.

⁽³⁾ Cf. Tv. p. 31.

⁽⁴⁾ Ibid.

⁽⁵⁾ Tv. p. 134.

⁽⁶⁾ Ibid. p. 185.

⁽⁷⁾ Ibid. p. 185.

⁽⁸⁾ Air. p. 129.

⁽⁹⁾ Ibid. p. 130.

templar. A contemplação, ela também determina uma vontade”¹⁰. *cette séparation de la contemplation et de la volonté efface un caractère que nous voudrions souligner: la volonté de contempler. La contemplation elle aussi détermine une volonté. A contemplação deixa de ser passiva e ganha uma caráter voluntário, ela passa a ser dirigida. Imaginação e vontade, que podem parecer, à primeira vista, antitéticas, são “*essritamente solidárias*”¹¹. Só se imagina o que se quer. Esta relação entre imaginação e vontade indica o caráter de trabalho da imaginação, que deixa de ser uma atividade ociosa para se transformar num ato voluntário: sonha-se o que se quer, a vontade torna-se um marco entre o sonho noturno, involuntário e o devaneio.*

No trabalho com a matéria há uma troca de intimidade. Pelo trabalho o homem penetra a matéria, e o ser se realiza como imaginação dinâmica na medida em que movimenta os elementos que residem no inconsciente, da mesma maneira que a matéria resiste na natureza. É através do trabalho que se reage contra esta resistência.

Bachelard substitui a filosofia do “*dado*” pela filosofia do “*trabalho*”; a realidade que se oferece é substituída pela realidade procurada no mais íntimo do ser.

A Imagem Literária

A imaginação se constitui num reino autônomo. Bachelard propõe que se considere a imaginação como um poder maior da natureza humana¹². Ela não é uma faculdade, é o poder constitutivo do su-

jeito. Bachelard cita Blake, ao dizer: “A imaginação não é um estado, é a existência humana ela mesma”¹³. O imaginário vai garantir que a imagem não seja confundida com a percepção. Perceber e imaginar são coisas antitéticas. “A imaginação inventa mais do que as coisas e dramas, ela inventa a vida nova, ela inventa o espírito novo, ela abre os olhos a novos tipos de visão”¹⁴. *L’imagination invente plus que des choses et des drames, elle invente de la vie nouvelle, elle invente de l’esprit nouveau; elle ouvre des yeux qui ont des types nouveaux de vision. A imaginação é uma força tanto impulsiva como constitutiva, ela comanda o que se percebe, ela ultrapassa o campo das qualidades percebidas*¹⁵.

Bachelard estuda a imaginação através da produção literária, porque aí se encontra a verdadeira criação. A palavra usada não tem a função de um simples termo, ela não é condicionante nem condicionada, ao contrário, ela traz a imagem nova, a novidade. “Esta novidade é evidentemente o signo do poder criador da imaginação”¹⁶. *Car cette nouveauté est évidemment le signe de la puissance créatrice de l’imagination. A função da imaginação é a criação do novo, do que ainda não foi criado, e é na literatura que apreço o modo de atuação da imaginação. “A expressão literária tem uma vida autônoma”¹⁷. “A imaginação literária apresenta o maior poder de variações, o verdadeiro domínio para estudar a imaginação, não é a pintura, é a obra literária, é a palavra, é a frase”¹⁸. *Le véritable domaine pour étudier l’imagination, ce n’est pas la peinture, c’est l’oeuvre littéraire, c’est le mot, c’est la phrase. A literatura é o exemplo de como a imaginação funciona. A imagem literária é “a imaginação em sua plena seiva, a imaginação em seu máximo de liberdade”¹⁹. A imagem literária, que**

⁽¹⁰⁾ Eua. p. 41.

⁽¹¹⁾ Cf. Tv. p. 8.

⁽¹²⁾ Cf. PE. p. 10.

⁽¹³⁾ Air. p. 8.

⁽¹⁴⁾ Eua. p. 24.

⁽¹⁵⁾ Cf. Tv. p. 81.

⁽¹⁶⁾ Ibid. p. 6.

⁽¹⁷⁾ Ibid. p. 8.

⁽¹⁸⁾ Eua. p. 252.

⁽¹⁹⁾ Tv. p. 85.

é uma imagem poética, apresenta-se através da palavra. Existe uma diferença entre a imagem literária que parte da descrição de uma realidade e uma imagem literária nova, fruto do devaneio: "Há uma grande diferença entre uma imagem literária que descreve uma beleza já realizada, uma beleza que encontra sua forma plena, e uma imagem literária que trabalha no mistério da matéria e que quer sugerir mais do que descrever"²⁰. Il y a une très grande différence entre une image littéraire qui décrit une beauté déjà réalisée, une beauté qui a trouvé sa pleine forme et une image littéraire qui travaille dans le mystère de la matière et qui veut plus suggérer que décrire"

A imagem poética é uma imagem nova, desvinculada do passado, presente em sua novidade. É obra da imaginação absoluta, tem todo o seu ser na imaginação. Tem um ser próprio, um dinamismo próprio, escapa à causalidade, não possui antecedentes como as imagens psicológicas. Estas influenciam depois, mas não são fenômenos de influência. Não há nada comum entre a reprodução mental de um objeto e a imagem literária. A imagem, para Bachelard, não é uma reprodução e sim a produção mental de um objeto. Ela também difere da metáfora.

Para ilustrar o pensamento de Bachelard e a tese, defendida em sua obra, de que a realidade exterior nada sugere, é interessante discorrer sobre a diferença que ele estabelece entre imagem e metáfora. Para Bachelard, trata-se de duas coisas distintas: "A metáfora é relativa a um ser psíquico diferente dela. A imagem, obra da imaginação absoluta, retira todo o seu ser da imaginação"²¹. A metáfora possui vários significados e admite um sentido pejorativo. Na metáfora, a palavra surge com um significado polêmico. Para exemplificar esta diferença, ao falar, em *La Poétique de l'espace*, sobre "a gaveta, os cofres e os armários", Bachelard quer mostrar que não se trata de

metáforas e sim de imagens de intimidade, trata-se da *insondável reserva dos devaneios da intimidade*", e aponta a metáfora da gaveta, usada por Bergson: "...quando Bergson fala de uma gaveta, que desdém!"²². Diz que, em Bergson, as metáforas são abundantes e as imagens raras. Cita uma passagem de *L'Évolution créatrice* (p. 5): "A memória, como tentamos provar, não é uma faculdade de classificar as lembranças numa gaveta ou inscreve-las num registro. Não há registros, não há gaveta...", e comenta: "A razão, diante de qualquer objeto novo, se pergunta (*L'Évolution créatrice*, p. 52): "Qual é dentre as categorias antigas a que convém ao objeto novo? Em que gaveta pronta para se abrir o colocaremos? Em que roupas já cortada vamos vesti-lo? Pois, efetivamente, um terno de confecção é o bastante para encerrar num termo um pobre racionalista"²³. La mémoire, comme nous avons essayé de le prouver n'est pas une faculté de classer des souvenirs dans un tiroir ou de les inscrire sur un registre, il n'y a pas de registre, pas de tiroir..." ... quelle est celle de ses catégories anciennes qui convient à l'objet nouveau. Dans quel tiroir prêt à s'ouvrir le ferons — nous entrer De quels vêtements déjà coupés allons nous l'habiller? Car bien entendu, un habit un pauvre rationaliste?

Na metáfora, a imaginação não atua, daí a metáfora não se prestar a ser objeto de um estudo fenomenológico. Para Bachelard, a metáfora é uma imagem fabricada, sem raízes profundas: "A metáfora é uma falsa imagem, já que não tem a virtude direta de uma imagem produtora de expressão, formada no devaneio falado"²⁴.

No seu livro *La Psychanalyse du feu*, analisando os mitos acerca da origem do fogo, citados por Fraser no livro *Mitos acerca da origem do fogo*, Bachelard mostra a passagem da metáfora à realidade

⁽²⁰⁾ Ibid. p. 8.

⁽²¹⁾ PE. p. 79.

⁽²²⁾ Ibid.

⁽²³⁾ Ibid. p. 80.

⁽²⁴⁾ Ibid. p. 81.

e critica a pobreza do realismo, que quer ver exatamente o contrário (a passagem da realidade para a metáfora)²⁵.

A imagem existe antes do pensamento. Ela dá origem à linguagem. As imagens são as primeiras realidades psíquicas. Para o psicanalista, a imagem poética tem sempre um contexto, mas a originalidade da imagem poética está exatamente em não ter um passado, em não ser um conceito. Bachelard estabelece uma diferença entre ouvir um poema e falar um poema - *résonance e retentissement*. Na ressonância, ouve-se o poema, e a identificação com o poeta é tão forte, que ao ouvi-lo, se participa da sua criação. Na repercussão, o poeta fala, a palavra poética é a palavra instauradora, a partir dela surgem novas realidades²⁶. Bachelard refere-se à duplicidade fenomenológica das ressonâncias e da repercussão num estudo sobre a obra de arte. A imagem de uma obra de arte repercute no sujeito, e essa repercussão “nos chama a um aprofundamento de nossa própria existência”. A comunicabilidade de uma imagem singular se dá através da repercussão. Pela repercussão, acontece um despertar da criação poética na alma do leitor, a imagem que surge da leitura do poema faz-se dele. “A exuberância e a profundidade de um poema são sempre fenômenos da dupla: ressonância-repercussão. Parece que, por sua exuberância, o poema desperta profundidade em nós. Para nos darmos conta da ação psicológica de um poema, teremos, pois, de seguir duas linhas de análise fenomenológico: uma que leva às exuberâncias do espírito, outra que vai às profundezas da alma”²⁷. *L'exuberance et la profondeur d'un poème sont toujours des phénomènes du doublet résonance-retentissement. Il semble que par son exubérance, le poème reanime en nous des profondeurs. Pour rendre compte de l'action psychologique d'un poème, il faudra donc suivre des axes d'analyse phénoménologique, vers les exuberances de l'esprit et vers la profondeur de l'âme.*

É sempre através da repercussão que se participa do ato criador de um poeta. Através da repercussão, pode-se sentir a imagem em toda a sua intensidade e aprofundamento.

Bachelard rejeita qualquer tentativa de classificação sistemática da imaginação, contudo, em *L'Eau et les rêves*, ao falar das forças imaginantes, ele se refere a duas espécies de imaginação que atuam na criação poética: à linguagem formal e a material: “As forças imaginantes do nosso espírito se desenvolvem sobre dois eixos muito diferentes”²⁸. A matéria é valorizada em dois sentidos: no sentido do aprofundamento e no seu dinamismo. Estas duas forças imaginantes agem em cooperação; é preciso que a imaginação material e a imaginação formal se completem.

No reino da imaginação, existe um *lei dos quatro elementos*: a imaginação material é formada pelo fogo, ar, água e terra. Estes elementos atuam na sua unidade e na sua combinação. “A imaginação material, a imaginação dos quatro elementos, mesmo se ela favorece um elemento, ama o jogar com as imagens de suas combinações. (...) A imaginação formal deseja a idéia de *composição*. A imaginação material deseja a idéia de *combinação*”²⁹. *L'imagination matérielle, l'imagination des quatre éléments, même si elle favorise un élément, aime à jouer avec les images de leurs combinaisons. (...) L'imagination formelle a besoin de l'idée de composition. L'imagination matérielle a besoin de l'idée de combinaison.* Ao falar sobre a água, Bachelard mostra como a água é um elemento favorável para ilustrar essas combinações, pois ela assimila todas as substâncias. “Ela se impregna de todas as cores, de todos os sabores, de todos os odores”³⁰. A imaginação material tem um princípio: “é a matéria que comanda a forma”³¹, ela é inventiva, pois suas imagens ultrapassam as formas.

(25) *Ibid.*

(26) Cf. PE. p. 7.

(27) PE. p. 6.

(28) Eua. pp. 1/2.

(29) *Ibid.* p. 126.

(30) *Ibid.*

(31) Eua. p. 161.

Não é possível falar numa espécie de imaginação para cada elemento, porque vários elementos podem se justapor e construir uma imagem particular, contudo, mesmo as imagens compostas, as imagens que se oferecem em série, elas designam um elemento fundamental. Um princípio fundamental da imaginação material é colocar, na raiz de todas as imagens substanciais, um dos elementos primitivos³². Os elementos e suas combinações fornecem a matéria sobre a qual a imaginação vai atuar. "É preciso seguir as imagens que nascem em nós mesmos, que vivem em nossos sonhos, imagens carregadas de uma material onírica rica e densa, que é um elemento inesgotável para a imaginação material"³³. Tanto as imagens poética como a imaginação têm uma matéria³⁴.

Ao falar da compreensão de um objeto em sua resistência, Bachelard diz que se fazem necessárias uma intenção formal, uma intenção dinâmica e uma intenção material. A intencionalidade da consciência admite graus de tensão que vão permitir a compreensão da imagem nas suas diversas tonalidades e atividades. Aqui ele critica a intencionalidade dos fenomenólogos, que não exprimem suficientemente as nuances ativistas. "Os exemplos dos fenomenólogos não colocam em evidencia os graus de tensão da intencionalidade, eles ficam muito *formais*, muito *intellectuais*"³⁵.

São os elementos que permitem a estruturação da imagem. Estes elementos atuam de uma maneira ativa e, assim, eles se constituem em quatro tipos de provocação. A imaginação material é uma imaginação sempre em ato. O conjunto dos elementos é imaginado na sua inércia, mas cada elemento é imaginado no seu dinamismo especial. Em *L'air et les songes*, Bachelard se refere à imaginação dinâmica, que vai atuar sobre a imaginação material e a imaginação for-

mal. A imagem dinamizada é uma imagem completa. "A imaginação dinâmica propõe imagens de impulsão, de élan, de dinamismo, imagens onde o movimento produz no sentido da força imaginada ativamente"³⁶. A imaginação aparece como uma força e como um movimento. O movimento das imagens não é uma metáfora. "Na imaginação dinâmica tudo se anima, nada se detém. O movimento cria o ser, o ar rodopiante cria as estrelas, o grito dá as imagens, o grito dá a palavra, o pensamento"³⁷. Os estudos sobre a imaginação dinâmica devem buscar a imagem íntima escondida nas palavras. O dinamismo do objeto imaginado vai depender do dinamismo da imaginação, que, por sua vez, tem como função a de *animar* o elemento.

A concepção dinâmica do pensamento se constitui num ponto de ligação entre duas linhas de investigação. Para Bachelard, todas as formas de conhecimento são sempre dinâmicas, estão sempre em movimento, sempre abertas, voltadas para o futuro. A função da imaginação, assim como a função da razão, é sempre uma função de abertura. Para Dominique Lecourt, o elo unificador da obra de Bachelard é a tese sobre o dinamismo do pensamento. "Parece que uma tese única sobre o dinamismo do pensamento é o traço de união que liga estas duas linhas: dinamismo do movimento dos conceitos científicos e dinamismo da imaginação produtora de imagens poéticas"³⁸.

A imagem produzida pela imaginação aparece em toda a sua singularidade e toda a sua pureza no devaneio. "As imagens são realidades psíquicas. Em seu nascimento, em seu dinamismo, a imagem é, em nós, o sujeito do verbo imaginar. Ela não é seu complemento. O mundo se imagina no devaneio humano"³⁹ les images sont, de notre point de

⁽³²⁾ Ibid. p. 158.

⁽³³⁾ Ibid. p. 27.

⁽³⁴⁾ Cf. MR. p. 4.

⁽³⁵⁾ Eua. p. 213.

⁽³⁶⁾ Air. p. 110.

⁽³⁷⁾ Ibid. p. 258.

⁽³⁸⁾ Lecourt, D. *Le Jour et la nuit*. p. 32.

⁽³⁹⁾ Air. p. 22.

vue, des réalités psychiques. A sa naissance, en son essor, l'image est, en nous, le sujet du verbe imaginer. Elle n'est pas complément. Le monde vient s'imaginer dans la reverie humaine.

Sonho e Devaneio

É no livro *La Psychanalyse du feu* (1938) que Bachelard estabelece, pela primeira vez, a diferença entre sonho e devaneio. Esta diferença é fundamental para se compreender a atividade da imaginação. A palavra *devaneio* no sentido bachelardiano ganha uma significação própria, diferente do sentido comum da palavra, que tem por sinônimos sonho, fantasia, quimera. Na metafísica da imaginação, *devaneio* é uma palavra-chave para mostrar como a imaginação instaura um novo ser. O devaneio é o poder que permite ao homem penetrar nas coisas. O devaneio não é uma atividade vaga, difusa, mas uma atividade dirigida, é uma força *imaginante* que encontra seu dinamismo diante da novidade, é "... a mais móvel, a mais metamorfoseante, a mais inteiramente livre das formas"⁴⁰. O devaneio não pode ser confundido com o sonho; nele, a alma está tranqüila, sem tensão e sempre ativa.

O sonho, ao contrário do devaneio, não tem valor para o estudo da imaginação, é algo que ocorre independentemente da vontade do sujeito. O homem não sonha o que quer; no sonho, o homem é passivo. "Imaginação e vontade são dois aspectos de uma mesma força profunda. A imaginação que esclarece o querer se une numa vontade imaginar, de viver o que se imagina"⁴¹. O sonho não tem valor numa fenomenologia da imaginação, pois não está ligado à vontade. Só através do devaneio o homem pode

imaginar. É a vontade ausente no sonho, que servirá como mola propulsora para o devaneio. A imaginação pode ser vista como uma atividade criadora, na medida em que, pelo devaneio, pode-se mergulhar, indo ao profundo das coisas, ou criando imagens novas. O sonhador da noite não pode enunciar um *cogito*. O sonho da noite é um sonho sem sonhador. Ao contrário, o sonhador do devaneio diz, conscientemente: sou eu quem sonho o devaneio⁴². O sonhador do devaneio está presente no seu devaneio, participa, com toda a sua alma, do devaneio, sonha o que quer. O devaneio é realizante.

O sonho, todavia, é importante, na medida em que ele fornece material para formação de imagens literárias. Através da união das experiências do sonho e das experiências da vida é que se formam as imagens literárias novas. O que interessa, no sonho, não são as suas causas, mas a produção de imagens⁴³. "É no sonho que se apresenta a categoria dinâmica de *arrebatamento total*"⁴⁴. Em *La Poétique de la rêverie*, Bachelard retoma a diferença entre sonho e devaneio, desenvolvendo mais sistematicamente esta oposição. Os devaneios são estado femininos da alma - *anima* - enquanto o sonho é *animus*. "O devaneio poético é um devaneio cósmico. Ele é uma abertura a um mundo belo, aos mundos belos"⁴⁵. As imagens poéticas se fundam no devaneio. Neste livro, ele fala sobre *Le cogito du rêveur* e se refere ao sonho como algo estranho ao sujeito, daí a impossibilidade de se anunciar um *cogito* para o sonhador. Diz Bachelard: "Agora um filósofo do sonho: posso verdadeiramente passar do sonho noturno à existência do sujeito sonhador, como filósofo lúcido passa do pensamento - de um pensamento qualquer - à existência do ser pensante?"⁴⁶. No sonho, a atividade da imaginação não atua, o sujeito não conhece o seu *eu*, não se identifica com ele. O sonho não se imagi-

⁽⁴⁰⁾ Eua. p. 2.

⁽⁴¹⁾ Air. p. 130.

⁽⁴²⁾ PR. p. 20.

⁽⁴³⁾ Cf. Tv. p. 214.

⁽⁴⁴⁾ Tr. p. 233.

⁽⁴⁵⁾ PR. p. 12.

⁽⁴⁶⁾ Ibid. p. 126.

na, nele não há consciência, e, não havendo consciência, a imaginação não atua. No sonho, a imagem tem sentido duplo, ela sempre significa outra coisa que não ela mesma. Isto cria dificuldades para a imaginação, porque a imagem é a imaginação em seu poder atuante, ela é sempre ela mesma, por isso as metáforas, na concepção bachelardiana, não servem a um estudo fenomenológico. Para Bachelard, a metáfora só tem função em relação ao real, pois não é ela a realidade que explica a metáfora e sim o contrário⁴⁷. A metáfora “... é uma falsa imagem, já que não tem a virtude direta de uma imagem produtora de expressão, formada no devaneio falado”⁴⁸. *est une fausse image puisqu'elle n'a pas la vertu directe d'une image productrice d'expression, formée dans la rêverie parlée.*

No devaneio, onde a imaginação é fundamental, o homem está desperto. “Se quisermos estu-

dar os poderes poéticos do psiquismo humano, temos que nos concentrar num simples devaneio”⁴⁹. O devaneio é considerado como uma atividade onírica na qual a consciência está presente, daí, no devaneio, a possibilidade de se formular um *cogito*.

Para Bachelard, o mundo está oculto, ele se apresenta através de aparências. É preciso chegar à profundidade das coisas. Não é possível ficar apenas no plano dos fenômenos. A imaginação vai encontrar mais realidade no que se esconde do que naquilo que se mostra⁵⁰. “Nós somos seres *profundos*. Nós nos escondemos sobre as superfícies, sob as aparências, sob as máscaras, mas não nos escondemos dos outros somente, nos escondemos de nós mesmos, e a profundidade é em nós no estilo de Jean Wahl, uma transcendência”⁵¹. Essa afirmação revela a visão de mundo da filosofia bachelardiana.

⁽⁴⁷⁾ Cf. PF. p. 71.

⁽⁴⁸⁾ PE. p. 81.

⁽⁴⁹⁾ PR. p. 129.

⁽⁵⁰⁾ Cf. Tr. p. 11.

⁽⁵¹⁾ Ibid. p. 260.